



O BRINCAR: UMA ANÁLISE COM CRIANÇAS DO HOSPITAL DE CÂNCER

Ana Carolina Carnevale

Ariane Lays

Bianca Soler

Gabrielly Cristina

Letícia Oliveira

Tayná Silva

Resumo: O presente trabalho tem como foco a avaliação pedagógica da brinquedoteca construída e mantida pela ONG Girassol da Alegria e se localiza dentro do Hospital de Câncer de Cuiabá, e através deste abordar a importância do “brincar” para crianças hospitalizadas e sua influência durante o tratamento médico.

Justificativas

O tema sobre a terapia com o brinquedo foi escolhido por este proporcionar uma humanização, tanto do doente, quanto do hospital. Pois a brinquedoteca traz um novo ambiente para ele, um ambiente mais vivo, mais colorido, com mais vida, e muda o tratamento com o paciente, que não é visto apenas como doente. Ademais, o brincar é responsável por trazer mais alegria para a criança hospitalizada e ajuda no seu desenvolvimento. Foi escolhido o Hospital de Câncer porque o tratamento desta doença é prolongado, no qual a criança fica hospitalizada por mais tempo e convive menos com a família, escola e amigos.

Objetivo

O objetivo deste trabalho era ir ao Hospital de Câncer e observar a realização das atividades do grupo Girassol da Alegria, como o brincar poderia ajudar no desenvolvimento da criança, e se poderia influenciar no seu processo de tratamento.

Introdução



O trabalho foi realizado no Hospital de Câncer, no qual visitamos a brinquedoteca do grupo Girassol da Alegria e o Espaço família, no intuito de analisar tanto o desenvolvimento das crianças nesses dois ambientes; visando a interação entre elas, a interação com o ambiente e com os brinquedos, quanto o trabalho realizado pelos voluntários do grupo; visando a interação deles com as crianças e como realizam suas atividades. Como instrumento de investigação foi utilizado: uma entrevista com a fundadora do grupo Girassol da Alegria; Dejanira Silva Pirovani, uma rápida entrevista com uma mãe; Elaine, uma entrevista com as crianças hospitalizadas que foi realizada através de desenhos, fotos do ambiente, e uma análise dos desenhos feita pela psicóloga Lúcia Misorelli.

Hospital de Câncer

Criado a partir de um sonho, em 1954, com a fundação da Associação Mato-grossense de Combate ao Câncer (AMCC) iniciativa que deu origem à Clínica de Tumores, que teve que fechar as portas 1977 por falta de recursos, com a ajuda de parceiros e doações foi possível concretizar projetos e metas podendo assim abrir as portas em 1999 do Hospital do Câncer de Mato Grosso.

Atualmente o hospital do câncer é referência no estado, oferecendo tratamento em diferentes níveis de complexidade para população. Administrada por uma entidade filantrópica, ou seja, uma empresa que presta serviço a sociedade, principalmente carentes e que não possui como finalidade a abstenção de lucros, tem em sua maioria pacientes atendidos pelo SUS, cerca de 97%. Infelizmente os recursos oferecidos pelo estado não são suficientes e se torna dependente de parceiros e doações. Há diversas formas de ajudar, dentre elas doação de alimento, produtos; como roupas, eletrodoméstico, doação de cabelo, de dinheiro, e doação na conta de luz.

No ano de 2015 a instituição realizou 90 mil atendimentos, e diariamente passam de 200 a 300 pacientes em seus consultórios. Como os gastos chegam à casa do 2,5 milhões por mês, o déficit gira em torno dos 600 mil por mês. Por isso há uma grande mobilização social para angariar fundos.

O selo Empresa Amiga é dado as empresas que contribuem mensalmente ajudando a manter as atividades do hospital. Renovando anualmente para continuar tendo direito de uso do selo. O selo poderá ser usado em material impresso interno, peças publicitárias, produtos,



sacolas, placas, luminosos, adesivos, etiqueta, site, revista, durante a vigência do termo de parceria.

Em parceria com o Instituto Ronald McDonald foi possível a implantação do Espaço Família, buscando um atendimento mais humanizado, e que ainda, permite a interação multidisciplinar no hospital, proporcionando além do conforto aos pacientes e seus familiares a interação escolar no ambiente hospitalar. Além da campanha anual, McDia Feliz, que é a maior campanha contra o câncer infanto-juvenil no Brasil desde 2012 presente na HCan, onde a renda dos lanches e camisas é toda revertida para o hospital.

Outra forma de colaborar na instituição é se tornando voluntário. A partir de atividades voluntárias, nota-se a prática de valores humanos e aproximação de realidades que contribuem para o tratamento e o progresso do paciente, além do acolhimento da própria família — na maioria das vezes, abalada pelas circunstâncias da internação. Para realizar essa tarefa é necessário passa por um treinamento que o próprio hospital oferece duas vezes por ano, ou se unir em algum grupo já cadastrado na instituição.

O hospital de tem como objetivo prestar assistência médica especializada ao paciente portador de câncer, trazendo um atendimento humanizado com o auxílio de colaboradores e voluntários. Com 460 funcionários e mais de 100 leitos, trabalhando 24 horas por dia para cuidar daquele que precisa.

Grupo Girassol da Alegria

O grupo Girassol da Alegria foi criado pela Dejanira Silva Pirovani em maio de 2003. Segundo ela, sua grande inspiração foi sua filha Ana Paula Silva Pirovani que morreu aos 15 anos devido a um Sarcoma de Ewing, um tumor ósseo que estava localizado em seu joelho.

Dejanira conta que sonhou com um ônibus que passou por ela transportando crianças carecas e com cabelo, elas estavam felizes e olharam em sua direção sorrindo com o mesmo sorriso doce de sua filha. No ônibus havia girassóis pintados com a frase “Girassol da Alegria”. Assim surgiu o nome do grupo.

O grupo é composto por voluntários e tem como objetivo estimular as pessoas a levar alegria para crianças e adultos em seis instituições. Sendo elas: Hospital do Câncer, AACC, Abrigo Bom Jesus, Casa Transitória Irmã Dulce, Casa de Apoio Esperança e Hospital Júlio Muller.



Os voluntários se dividem em seis grupos baseados em cores, como amarelo, azul, branco, verde, roxo e vermelho. Como visitam seis instituições, a separação em grupos é para fazer um revezamento das visitas nesses ambientes. Esses grupos têm como objetivo levar a felicidade para as pessoas, proporcionar momentos de descontração, resgatar a alegria de viver, diminuir a tristeza e a apatia causadas pela distância dos amigos e familiares. Para isso utilizam-se de dinâmicas recreativas, músicas, teatro, jogos.

Criança hospitalizada

A criança quando submetida a um processo de internação em um hospital tem uma ruptura na sua vida, pois o processo de internação muda totalmente a sua rotina, ficando ela longe da escola, dos amigos, de casa e da família. O hospital se torna um local de estranhamento para a criança por ser diferente dos locais que ela está acostumada a frequentar, como sua casa, sua escola. Suas relações ficam restritas ao contato com a equipe de saúde, como os médicos, enfermeiros, psicólogos...E tudo isso pode afetar o desenvolvimento da criança.

Para a criança, o meio hospitalar é desconhecido e também restrito, um lugar onde não se pode brincar, sendo na maioria das vezes um ambiente de solidão, tristeza e saudades de sua casa, amigos e familiares. O trabalho realizado com a criança e sua família torna o tratamento mais integrado e humanizado, o que pode auxiliar na melhora do paciente.

Ribeiro (1986) constatou que a criança recém hospitalizada não tinha uma boa adaptação, o que era percebido através da pouca interação e contatos visuais rápidos. As crianças de acordo com as entrevistas ditas no artigo, com a internação ficam irritadas, apreensivas, com medo. Todavia quando a criança tem o estímulo do brinquedo terapêutico, melhora seu comportamento, passando a ter melhor interação e maior contato visual com as pessoas, começa a falar melhor e demonstrar mais alegria. Como afirma Vygotsky “o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento de forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento”. Assim, o brinquedo tem grande importância para o desenvolvimento da criança que pode ser prejudicado na internação. Sendo ele um instrumento de desenvolvimento, pois quando a criança brinca ela imagina, permite o desenvolvimento da criatividade dela, fora que quando a criança brinca ela transforma a imaginação em realidade através do brinquedo, que permite que ela realize tudo o que está em sua mente sem precisar do auxílio de ninguém.



Motta e Enumo realizam um estudo que avalia a importância das atividades lúdicas e brincadeiras nos hospitais. Foram entrevistadas 28 crianças de 6 a 12 anos e 78% delas afirmaram que gostariam de brincar no ambiente hospitalar. Dessa forma, é possível compreender a necessidade do brincar para as crianças.

Outro ponto importante é que para trabalhar com as crianças é essencial o conhecimento sobre o desenvolvimento da infância, a postura do profissional em relação a forma de interação com a criança e sua família deve ser destacada, com uma atitude acolhedora e afetiva tornando capaz a criação de um vínculo terapêutico mais estável. É necessário ouvir o paciente para que haja um conhecimento além do superficial. Também é importante ouvir os familiares, para esclarecer dúvidas e ajudá-los a passar por este momento delicado.

A bioética é um campo de atuação e reflexão no processo saúde-doença. Os aspectos da bioética a serem preservados em relação à criança são a privacidade e a confidencialidade. Nesse âmbito, torna-se fundamental o cuidado por parte do profissional, para fortalecer o vínculo entre a criança e seus familiares. Pois o apoio social e principalmente familiar eleva o nível de células de defesa no organismo, o que pode levar a melhora do paciente.

Brinquedoteca

As brinquedotecas são consideradas bibliotecas de brinquedos, ambientes onde ocorrem a motivação da criança para aprender e brincar, não são depósitos de brinquedos, segundo a Associação Brasileira de Brinquedotecas são espaços mágicos destinados ao brincar das crianças. É um local de estímulo às brincadeiras, são constituídos por brinquedos, jogos e diversas brincadeiras, é importante enfatizar que tais espaços devem ser atrativos, capazes de interessar, motivar e transmitir alegria e principalmente que forneça momentos lúdicos.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição Brasileira é direito da criança o lazer, sendo um dever do Estado, da família e da sociedade. Todavia, a realidade é muito diferente, existem crianças que brincam pouco ou quase nada, crianças que são submetidas ao trabalho infantil, e há as que apresentam enfermidades graves, sendo internadas por meses ficando afastadas ou limitadas aos brinquedos e as brincadeiras. Considerando a última citação, surge em 21 de março de 2005 a Lei 11.104 que determina a obrigatoriedade



de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, o não cumprimento de tal lei implica em penalidades aos infratores.

Como já mencionado as crianças que se encontram hospitalizadas por um longo período, deixam de desempenhar suas atividades diárias, ficam limitadas ao convívio social, pois por motivo do internamento são afastadas da escola, amigos, e professores. Nesse contexto nota-se a importância das brinquedotecas, tais objetivam suprir algumas necessidades das crianças, como: desenvolver, expressar, participar, etc. Visam aproximar e amenizar a realidade que essas crianças foram submetidas repentinamente, com a realidade que tinham antes do tratamento. As brinquedotecas através dos momentos de lazer e ludicidade contribuem para o desenvolvimento cognitivo e o tratamento. Vale destacar a relevância de tais espaços no meio educacional, como ambientes que propiciam diversos estímulos e o desenvolvimento de aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais, pois na infância ocorre a produção da consciência do educando de maneira global.

Brinquedo Terapêutico

Um hospital precisa ter condições para que a criança aprenda a brincar, correr e explorar todo o espaço em que ela irá conviver, deixando-a mais humanizada possível, pois o hospital, para a criança, parece apresentar uma certa prisão.

O recurso lúdico no BTI (Brinquedo Terapêutico Institucional) não apresenta somente uma diversão, mas sim uma alternativa educacional, emocional, fazendo com que a criança perca o medo e se sinta mais aberta quando algum procedimento médico for realizado, porque quando a criança está despreparada emocionalmente, ela apresentará dificuldades para o profissional.

Quando a criança interage com o adulto, ela de certa forma acaba confiando nele, recorrendo-o sempre que precisa de algo, criando assim um vínculo muito importante durante a sua hospitalização.

O BTI agrega 4 funções básicas: recreação, seu objetivo central é desenvolver o prazer e a distração; estimulação, favorece o seu desenvolvimento intelectual e sua criatividade; socialização, aprende a se relacionar com as pessoas; e catarse, possibilita a criança aliviar suas tensões emocionais.

Foram realizados estudos com 34 crianças internadas para cirurgias, no Hospital Infantil Darcy Vargas, em São Paulo.



Os dados foram coletados em dois momentos. No primeiro a criança era observada como se comportava durante o curativo realizado após a cirurgia, no segundo era convidada a repetir o procedimento em uma boneca.

Os resultados indicaram que, antes da sessão de BTI, a criança teve menor aceitação do procedimento. Cerca de 88,2% colaboraram passivamente; 35,2% tem expressão facial de medo; 44,1% sorri e 32,3% têm tensão muscular.

Após a sessão de BTI, cerca de 91,1% se comportaram passivamente; 11,7% tiveram expressão facial de medo; 85,2% sorri; 97% da dor diminuiu e 8,8% tiveram tensão muscular.

Diante disso podemos concluir que o BTI aliviou a tensão, medo e dor, e as crianças tem mais colaboração durante o procedimento, facilitando assim o trabalho das enfermeiras, porque aprendem brincando e se educando.

Capítulo 2: Campo

2.1 Fotos

Essa foto mostra um quadro que estava colocado na parede do corredor onde era a sala do Espaço Família. Este ambiente foi construído e se mantém através da parceria com o Instituto Ronald McDonald. O Espaço Família é um ambiente destinado para pais e filhos.



A foto a seguir mostra o ambiente do Espaço Família, com televisão, computadores, brinquedos. Assim como algumas crianças brincando e suas mães.



A foto a seguir mostra mais amplamente o ambiente, que é muito colorido, com mobília colorida e pinturas nas paredes, mostrando um ambiente mais vivo, diferentemente do que estamos acostumados a ver em um hospital.





Esta foto também foi tirada dentro do Espaço Família. Nesse ambiente, além da área com os brinquedos, há uma sala destinada ao aprendizado das crianças. Ela é usada por uma pedagoga que ensina o conteúdo da escola para cada criança, adaptando o processo de aprendizagem de acordo com as debilidades de cada uma delas. Na sala se encontra até um caderno de classe.



A próxima foto mostra o ambiente da brinquedoteca do Grupo Girassol da Alegria. Esse ambiente foi criado pelo grupo e se mantém por ele. Desse modo toda a organização do espaço, cuidado, e brinquedos são de sua responsabilidade. Além disso mostra as crianças brincando, a fundadora do grupo Dejanira Silva Pirovani, que está de roxo, e uma voluntária do grupo Rejane, de vermelho, brincando com uma criança. Ademais na parede se encontra quadros com fotos das crianças, registrando os momentos como aniversário e natal.



Essa foto também foi tirada dentro da brinquedoteca, na qual podemos observar que é também um ambiente colorido, cheio de brinquedos e computadores, todos com acesso à internet. Crianças brincando e rindo, mostrando uma interação entre elas. E sentadas à mesa, a voluntária Rejane brincando com outra criança, acompanhada de uma mãe. A brinquedoteca também é um ambiente frequentado por pais e filhos.





2.2 Apresentação das crianças

Ao chegarmos no hospital conhecemos, primeiramente, a brinquedoteca do grupo Girassol da Alegria. Naquele momento, por ser ainda muito cedo não haviam crianças brincando ali, embora a voluntária Rejane já estivesse com a brinquedoteca aberta.

Após conhecer esse ambiente, fomos guiadas até o Espaço Família. Nesse ambiente haviam poucas crianças e suas mães. Tivemos mais contato com três crianças, Thaís, 10 anos, Brenda Vitória, 5 anos e Gabriel 10 anos. Quando entramos nessa sala observamos que a Brenda e a Thaís brincavam juntas, estavam conversando e rindo. O Gabriel estava perto delas mas não brincava e nem conversava.

Propusermos que eles desenhassem o que eles queriam ser quando crescessem, dando-lhes folhas e lápis de colorir, não aceitaram instantaneamente. Porém não fizeram também grande resistência. A Thaís foi a primeira a tomar a iniciativa e se sentar à mesa para desenhar, e a Brenda a seguiu. Gabriel então se pôs à mesa junto com elas, mas não quis desenhar.

A Thaís para nós, pareceu ser extrovertida, alegre, comunicativa, estava interagindo muito bem com a Brenda. Já está parecia estar alegre, feliz, e demonstrou boa interação com a Thaís também, a relação entre elas foi recíproca. Todavia ambas não interagiam muito bem com o Gabriel, em uma das conversas, Thaís comentou em voz baixa que o Gabriel não brincava muito com elas.

Na mesa iniciamos uma conversa com o Gabriel sobre o que ele gostaria de ser quando crescesse, falando o nome de várias profissões, e ele sem responder apenas balançava a cabeça sorrindo. Até o momento em que a Thaís falou: “Ele quer ser fazendeiro”, e ele confirmou que sim com a cabeça.

Gabriel então saiu da mesa e foi sentar no sofá. Ao permanecermos juntas com as meninas na mesa e conversando ele voltou mas ficou só olhando, disse que não queria desenhar por estar enjoado, imaginamos assim que ele poderia ter tomado alguma medicação à pouco tempo. Começamos a conversar mais com ele sobre os animais que gostaria de ter em sua fazenda e sobre ter medo dos animais de grande porte, e ele sempre ressaltava; “Eu moro em uma fazenda”, dando a entender que ele não tinha medo de nenhum animal por estar acostumado com eles. Nessa conversa ele passou a falar ao invés de só balançar a cabeça. Nesse momento então ele pediu uma folha para desenhar, e fez justamente uma fazenda.



Quando as meninas terminaram de desenhar elas começaram a brincar de “restaurante”. Na brincadeira a Thaís era a mãe da Brenda. Sem nos darmos conta, logo fomos incluídas na brincadeira, e elas conversavam e riam conosco. O Gabriel que estava terminando seu desenho ria das nossas brincadeiras.

Assim percebemos que o Gabriel era mais fechado e tímido. Talvez poderia estar mais afastado das brincadeiras por estar enjoado. Durante a nossa visita vimos que ele foi progredindo, pois de um simples balançar de cabeça como resposta, ele passou a falar e logo depois pediu para desenhar.

A voluntária do grupo, Rejane, tentou levar as três crianças para a brinquedoteca, mas elas não quiseram. Depois tentamos chamá-las também, mas elas disseram que não gostavam muito de lá e que preferiam aquele ambiente (Espaço Família).

Depois de ficar esse tempo nesse ambiente fomos para a Brinquedoteca, e pouco tempo depois nos impressionamos de ver a Thaís, a Brenda e o Gabriel lá dentro. Ambos estavam brincando. Inclusive o Gabriel. Ele estava brincando com a Thaís, justamente ela quem disse que o Gabriel não brincava muito com ela, ambos estavam jogando pebolim e rindo. O que nos deixou muito felizes, pois os três foram para a brinquedoteca, estavam brincando e rindo, e o Gabriel que estava enjoado já estava descontraído.

Quando fomos para a brinquedoteca depois, ela já estava com mais crianças, e todas estavam brincando. A Rejane falou conosco e pediu para que as crianças que estavam ali desenhassem o que as faziam sorrir, e um menino, Arthur de 10 anos desenhou o dia do McDia Feliz, por considerar que esse dia era importante. O contato com ele foi mais difícil, pois ele estava entretido mexendo no computador.

2.3 Desenhos

Os desenhos foram feitos por quatro crianças, duas meninas; Brenda de 5 anos e Thaís de 10 anos, e dois meninos; Gabriel e Arthur, ambos com 10 anos, e pela mãe da Thaís. Brenda, Thaís, sua mãe e Gabriel estavam na sala do Espaço Família quando propusermos que desenhassem o que eles queriam ser quando crescerem. Já Arthur estava na brinquedoteca e seu desenho foi proposto pela voluntária do grupo, a qual pediu para que as crianças desenhassem o que as faziam sorrir.



O desenho a seguir foi feito pela Brenda Vitória, 5 anos. Ela desenhou flores sorrindo e um arco-íris. Enquanto ela fazia este desenho perguntamos a ela brincando: “Sua flor fala?... ela tem boca”, e ela respondeu: “Minha flor canta”. Além disso falou que desenhou flores maiores que seriam as mães e as menores que eram as “filhinhas”. Percebemos que, embora ela estivesse hospitalizada, sua imaginação e criatividade não foram comprometidas. Relacionamos esse fato com o ambiente, visto que este proporciona, através das brincadeiras, que a criança continue se desenvolvendo.



Este desenho também foi feito pela Brenda Vitória. Neste, ela desenhou uma casa. De acordo com ela seria uma casa voadora, mostrando realmente como ela continua imaginando e criando como uma criança normal de sua idade.



O desenho seguinte foi feito pela Thaís. Ela desenhou um campo e disse que gostava do mesmo. Representou em seu desenho também, um sol sorrindo, arco-íris, chuva, flores, árvores que, segundo ela é um pé de maçã e um pé de uva. Ela fez um desenho com vários



elementos por talvez sentir falta do contato com todas as coisas. No entanto seu desenho tem um tom alegre, que provavelmente demonstrou como ela se sentia. De fato, ela pareceu para nós estar alegre e feliz, pois ela brincava, ria e interagiu muito bem com as outras crianças.



O próximo desenho foi feito pela mãe da Thaís. Ela foi a única mãe que desenhou. Neste ela representou o que sua filha queria ser quando crescesse, que era Veterinária.



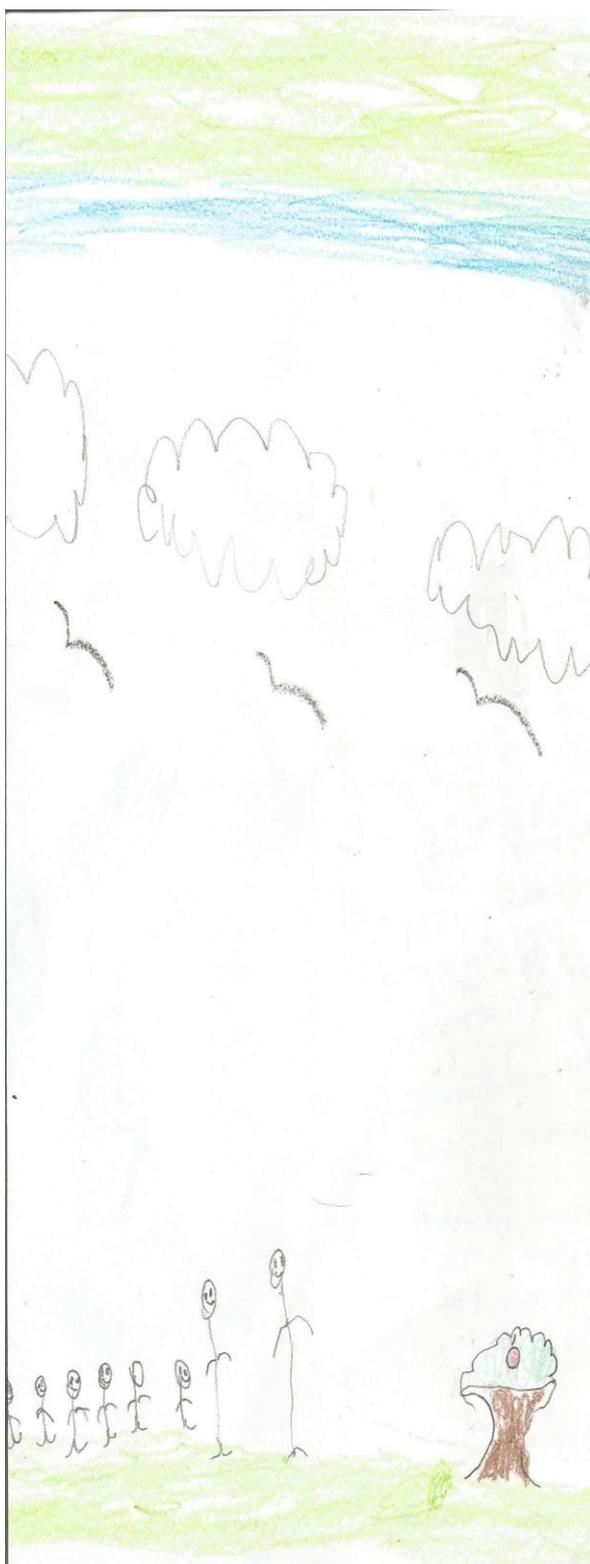
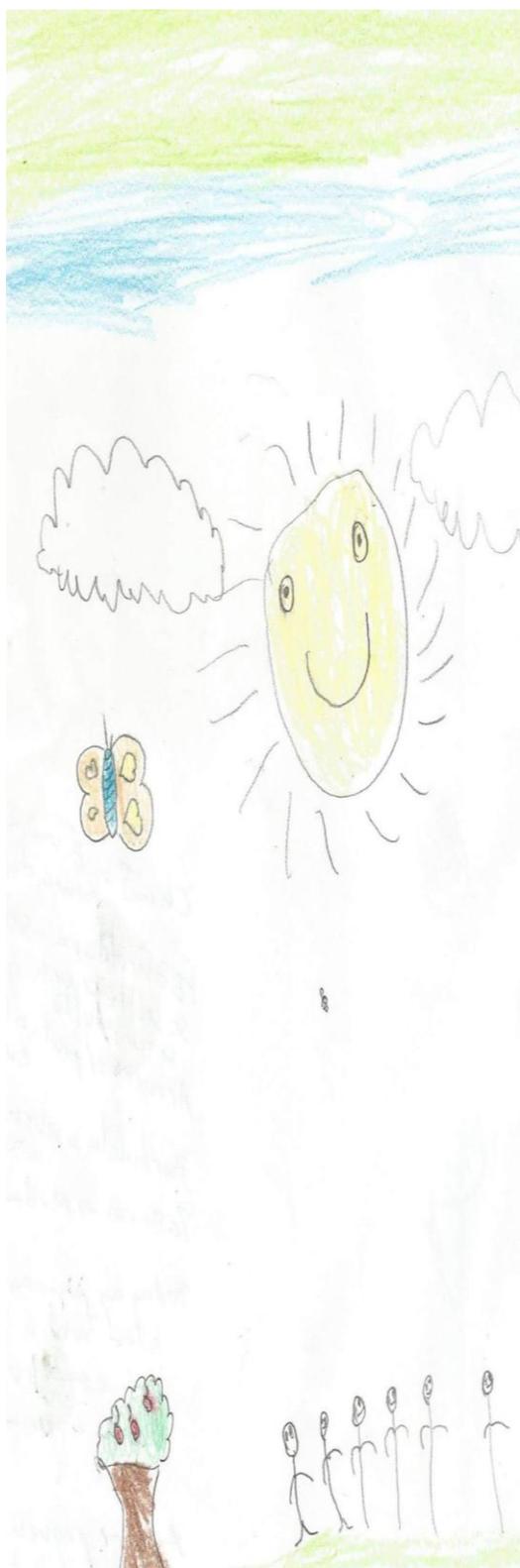
O desenho a seguir foi feito pelo Gabriel. Ele foi a única criança que desenhou o que queria ser quando crescesse, que era fazendeiro. Assim desenhou uma casa, um caminhão, segundo



ele para carregar animais, e um pé de manga, porque ele gostava de se lambuzar comendo manga. No seu desenho ele não representou somente o que quer ser, mas sua casa também, visto que nos contou que morava em uma fazenda e que seu pai tinha um caminhão.



O último desenho foi feito pelo Arthur que estava na brinquedoteca. O desenho foi proposto pela voluntária do grupo Girassol da Alegria, Rejane, a qual propôs para as crianças, presentes na brinquedoteca, que desenhassem o que as faziam feliz. E ele desenhou o McDia Feliz.





2.4 Análises dos desenhos feita por uma psicóloga.

Estes desenhos foram analisados pela psicóloga Lúcia Misorelli, a qual não conhecia as crianças em questão. Pois queríamos uma análise pura dos desenhos sem a influência da situação de cada uma delas, para compararmos com o que observamos durante a visita. Sua análise assim foi feita somente sobre os desenhos.

- Sobre o desenho das flores da Brenda Vitória ela disse: “Muito feliz, extrovertida. Autoconfiante. E busca base sólidas para se apoiar”

Observação: Todas as flores estão com um sorriso no rosto, o que mostra que apesar da doença ela é uma criança feliz.

- Sobre o desenho da Brenda Vitória, no qual ela desenhou uma casa, a psicóloga diz: “Ainda na garatuja, mas já tem noção de segurança, e busca um apoio para poder crescer.”

Observação: Na garatuja pois ainda está no desenvolvimento de sua escrita, é possível entender o desenho e foi perceptível a ilustração da casa pois é onde ela gostaria de estar.

- Sobre o desenho da Thaís ela diz: “Bom desenvolvimento, chuva, sol, montanhas. Criança extrovertida, feliz nas brincadeiras, bem adaptada. Casa com porta e janela. Criança um pouco fechada e tímida”

Observação: É uma criança feliz, extrovertida mas tímida no começo, é adaptada com a vida que leva e aproveita as coisas boas que a vida lhe dá.

- No desenho do Gabriel ela diz: “Pai dá sensação de segurança. Muito estruturado, gosta de organização, tímido e fechado. Bom desenvolvimento cognitivo. Feliz e orgulhoso dos pais.”

Observação: A ilustração mostra o que ele quer ser quando crescer e é o mesmo que o pai é, orgulhoso do pai por este motivo.

- Sobre o desenho do Arthur ela diz: “Chão, é uma criança bem adaptada. Fez moldura, só se sente segura se tem adulto. Gosta de árvores com fruta, brincar em grupo. Borboleta, vive no mundo dos sonhos. Pássaros, mudança. Todas as pessoas estão sorrindo. Sol com rosto, é uma criança feliz. Árvore pequena, é introvertida (tímida).”

Observação: Precisa de alguém que lhe de segurança por perto, é feliz porém tímido. Sonha em ter algo mais, mudar.

2.5 Entrevista



2.5.1 Entrevista com Dejanira Silva Pirovani.

A entrevista foi feita com a fundadora do grupo Girassol da Alegria por meio de uma gravação realizada dentro da brinquedoteca do grupo.

1) Quais os objetivos do grupo Girassol da Alegria?

“Então na verdade o Girassol da Alegria começou em 2003... é... e a nossa única missão... a nossa única função é alegrar as crianças, os idosos e nos alegrar, porque as vezes a gente fala de trabalho voluntário e a gente acha que a gente... é... que vai levar alegria, que a gente vai levar alguma coisa... Na verdade assim, a gente vai receber... na verdade a gente recebe abraço, a gente recebe carinho.”

2) O que move a dedicação do grupo?

“Na verdade assim é... é um sorriso que a gente ganha é... a alegria que a gente vê estampada no rosto das crianças. Então assim, eu sempre falo pros voluntários que estão começando é... a importância da gente amar o outro se dedicar ao outro. Muitas vezes a gente fica tão é... pensando na gente mesmo, nos problemas da gente, que a gente não se dispõe a ajudar. Quando você se dispõe, eu acho que assim, quando eu venho pra cá toda sexta feira, eu venho assim com a alegria imensa porque eu vou chegar aqui e vai ter tanto sorriso, tantos abraços... Eu acho que o que move é... o Girassol da Alegria, o que move as pessoas a serem voluntários, é o amor que cada um de nós temos dentro da gente mesmo.”

3) Em qual atividade se observa maior interação das crianças?

“Então na verdade assim é... Cada lugar que nós vamos tem um perfil. Aqui as crianças é... se você é... se elas forem viver hoje, morar em sítio, elas vão amar a pescaria, elas vão amar coisas relacionadas a realidade delas. Então assim a gente... a gente procura deixar a criança livre. Como a gente tem muitos brinquedos aqui na brinquedoteca, eles brincam com o que eles tão realmente dispostos a brincar. Então assim, mas a gente traz atividades, a gente traz alguma coisa pra eles não ficarem é... limitado ao brinquedo. Então eles podem também fazer outras atividades.”

Observação: Ela tenta explicar que não há uma atividade específica que as crianças gostem mais. Pois ali dentro do ambiente elas ficam livres pra brincar do que quiserem e com



o que quiserem. Assim os voluntários procuram brincar com as crianças buscando saber o que elas gostam.

Quando ela diz que cada lugar tem um perfil, ela se refere as outras instituições que o grupo visita, explicando que em cada lugar há um perfil para alguma atividade. No caso, ali no Hospital de câncer tem a brinquedoteca, em outro ambiente a palhaçoterapia... de modo a adequar cada perfil da instituição a uma atividade.

4) Como a terapia pode ajudar na reabilitação?

“É... como... você mesma presenciou... né? na sala é... a gente percebe assim... é... as vezes a criança tá tão tímida sem querer conversar e de repente ela, ela vem pra cá, ela pega um joguinho, ela pega uma pescaria, ela pega um desenho e começa a interagir com a gente. Então assim é... eu acredito assim que é uma mudança externa e interna muito grande. A gente percebe assim que chega acanhadinho (risos) e que de repente tá conversando, tá desenhando e tá sorrindo. Então assim é... eu acho assim que esse...essa, coisa do lúdico que a gente proporciona é tudo na recuperação de qualquer doença.”

Observação: Essa pergunta, antes de ser gravada a resposta, foi contextualizada se referindo a uma criança, o Gabriel. Pois ele, de início, estava tímido e não interagiu muito bem, disse que não queria fazer o desenho proposto por nós por estar enjoado. No entanto, depois de conversarmos e brincarmos ela passou a interagir. Por isso ela inicia a resposta falando: “você mesma presenciou”.

5) Como são feitas as escolhas das brincadeiras e quais os cuidados que devem ser tomados?

“Então na verdade assim é...como... nós temos a nossa profissão a parte e ninguém é profissional né nessa área é... a gente fez alguns cursos só, mas assim a gente, a gente vê assim o que a criança tá querendo. Então assim, se a gente percebe que... que ela mora no sítio a gente vai mais pra pescaria. Então se a gente percebe que ela gosta de desenhar então a gente pega uma folha em branco e deixa ela desenhar o que ela quiser. Então assim, a gente tem esse cuidado de... de pensar na criança. Então assim deixar ela é... querer pegar alguma coisa, querer falar com a gente, querer sorrir. Então assim a gente toma esse cuidado de... de saber o que que a criança... de onde a criança tá querendo é... brincar e porque a criança tá querendo brincar. Quem é de fora não conhece, (se refere à brinquedoteca) mas quem chega já



sabe que ali (aponta para um local da sala) tá cheio de brinquedo. Então assim eles mesmos eles vão... E assim a gente tem esse cuidado, claro, de não deixar coisa que machuca né? Então assim, e a gente tá sempre nesse olhar né...de...ter esse cuidado né?”

6) Como vocês lidam com a questão do cabelo?

“Isso é ruim entendeu? não só pra criança, qualquer pessoa, o adulto também na hora que ele fica sabendo da perda do cabelo...é assim um momento assim terrível, porque o cabelo é um enfeite né da pessoa? Então assim nesse momento... assim nada mais doloroso... pra ela (nesse momento ela fala da Thaís que estava na brinquedoteca na hora da entrevista) mas ela não fala nada pra gente, a Thaís é aquela do cabelo grande ali, e ela tava fora do tratamento aí voltou...já tinha acho que não sei se era quatro anos...que tinha parado, aí voltou... assim muito agressivo... é terrível. Então assim, essa parte do cabelo é assim... um momento delicado. E aqui assim a gente tem essa... essa... norma nossa que a gente não fala de doença. Então a gente não pergunta onde que é, como que é, o que que é (se refere nesse momento ao câncer) a gente fala assim: ‘A você tem irmão?’ ‘Oi, quem é sua família?’ ‘Onde você mora?’. Mas assim tocar em doença assim... tanto que eu não sei... onde tem nada entendeu? Eu sei que tá em isolamento mas assim, a gente... como é uma coisa assim que é uma das normas do Girassol da Alegria não tocar em doença, nem querer saber nada sobre a doença... A gente quer saber da criança, se ela tá bem, brincar... mas assim a parte do cabelo é... é a parte mais terrível pra qualquer pessoa. Dá muita dó da criança, ela chora porque... não sei se você já viu mas é... o cabelo vai soltando... assim vai caindo... é terrível.

Observação: Essa pergunta foi realizada no intuito de saber se alguma criança havia demonstrado uma expressão de susto ou medo em relação a queda do cabelo, ou se já tinha falado algo sobre isso. E se já, saber como eles lidavam com essa situação. No entanto ele explica que não sabe dessas situações porque naquele ambiente nenhum assunto sobre a doença é mencionado, tanto que ela, e os outros voluntários, não buscam saber qual é a doença de cada criança. Ela contou que sabe como é lidar com essa situação por causa de sua filha. Mas que nenhuma criança havia percebido a queda de cabelo naquele ambiente.

7) Quais são os resultados alcançados com a brincadeira?

“Na verdade assim... o que a gente percebe é assim, a criança quando volta de uma injeção, quando tem quimio rápida né, tem... tem uns exames assim... que as vezes ela entra e



ela chega aqui chorando. Então ela chega assim com a mãozinha na onde ela tomou a injeção, na onde... aí a gente vai brincando aí ela acaba esquecendo. Então assim a gente já presenciou assim... cenas e depoimentos de mãe assim muito bonito assim que realmente ... aí a gente sabe através de pesquisa que realmente... é nada como o brincar né, nada como fazer esse entreter a criança é... pra que ela esqueça dessa contenção... Então quando ela tá aqui dentro da sala da brinquedoteca ela tá sorrindo, ela tá alegre, ela tá feliz. Isso é o maior e o melhor presente que nós recebemos.

Observação: Isso foi claramente percebido no dia da visita. Pois o Gabriel, quando chegamos, não estava interagindo com as outras crianças dentro do Espaço Família. Ao propormos o desenho, ele se sentou a mesa mas não quis desenhar por estar enjoado. Com o tempo e ao conversamos ele foi perdendo a timidez, pediu uma folha para desenhar e depois estava brincando e interagindo com as outras crianças. Percebe-se assim como a brincadeira e a conversa pode fazer a criança esquecer da dor que está sentindo e conseqüentemente ajudar na recuperação.

8) Como a terapia pode ajudar as crianças a enfrentarem os medos (médico, internação, injeção)?

“Na verdade assim... eu falo assim, não só a criança como todos nós temos os nossos medos né? E aí quando a gente consegue é... mostrar esse medo dela de uma outra forma né, mostrar pra ela que... que as vezes a vida... a vida tem, não só da criança mas também do adulto, tem cheia de medos né? medo é... do escuro, medo do médico, medo da enfermeira, medo da injeção né? Nós também temos esses medos, essas inseguranças. Então a gente percebe assim que quando a gente fala disso brincando a reação é outra, ela consegue entender de uma forma alegre, uma forma... né que... que é possível... é possível a gente... a gente passar por tudo isso... é... não chorando mas assim... é aprendendo a conversar, aprendendo... de uma maneira mais leve né?

Observação: As pausas em suas falas nas duas últimas linhas representaram um pensamento, como se ela estivesse pensando em várias coisas nesse momento e suas palavras não conseguiram acompanhar.

Ela explica que a terapia vai além de ajudar a enfrentar os medos, que ela ajuda a enfrentar tudo. Ela ajuda a enfrentar esse caminho mostrando que é possível passar por essa fase com uma tristeza menor, de uma forma menos doída, que ela ajuda não só as crianças



mas os pais também (acreditamos que quando ela disse, “é possível a gente... a gente passar por tudo isso”, ela se incluía na resposta, visto que ela também teve que lidar com essa situação.) a enfrentarem esse caminho de forma mais leve.

9) Como a brincadeira pode influenciar o adulto a ajudar a criança a enfrentar o que ela está passando?

“É então porque na verdade a gente percebe assim que as vezes os pais entram aqui pra... pra brincar também porque não é proibido. Então assim, tem alguns pais que a criança as vezes não quer entrar... é a primeira vez, então entra. E aí a gente percebe que o pai a mãe é...pesca, pai e mãe joga pebolim, pai e mãe joga quebra cabeça é...brinca de tudo. Então a gente percebe assim que não é só a criança é...que eles influenciam, mas é um pai também, a mãe também porque eles.... eles olham pela janela ali por aquele vidro (se refere a janela da brinquedoteca)... eles veem os filhos deles aqui brincando e feliz. Então consequentemente o astral desses pais é... a alegria dessa mãe, você... você vê...a nossa alegria é a alegria dos nossos filhos né, a nossa felicidade é ver a felicidade dos nossos filhos. Então assim, se a gente tá tentando fazer esse filho ser feliz, consequentemente a nossa mãe também... é... vai tá feliz.

Observação: Podemos ver que a brincadeira, as atividades, atingem os pais também. Eles interagem com os filhos porque entram dentro da brinquedoteca e brincam com eles, interagem também com os voluntários, porque os pais conversam com eles. E isso nós observamos, visto que antes da Dejanira responder nossas perguntas ela estava conversando com uma mãe. Então o ambiente proporciona que os pais tenham maior contato com seus filhos, e o fato de vê-los felizes e sorrindo melhora o astral dos pais, e consequentemente estes vão transmitir essa sensação para seus filhos. Reparamos também que a Dejanira diz na última linha “a nossa mãe”, o que representa o carinho que o grupo tem com os pais, representa que eles têm uma interação, e mostra que as atividades do grupo, por mais que seja para a criança, refletem nos pais e assim o cuidado também é com eles.

2.5.2 Entrevista com uma mãe

Essa rápida entrevista foi realizada com uma mãe chamada Elaine de 25 anos através de uma gravação feita dentro da brinquedoteca do grupo Girassol da Alegria.



1) Qual a importância do grupo Girassol da Alegria pra você?

“Assim... Pra mim...Pras mães assim... Eles sempre tão lá na AACC... Tão aqui no hospital... Eles levam alegria, eles... Assim eles sempre tão junto com as crianças, procurando brincar, procurando levar...Assim...Sempre nas datas de aniversário eles levam bolo, comemora... Sempre tão aqui no hospital nas datas comemorativas, sempre tão também... Toda semana tão aqui, sempre tem um integrante pra ficar aqui junto com as crianças. E... eu... acho muito bonito o trabalho deles assim...Assim é muito importante né pra gente que tá longe de casa... ter pessoas assim igual eles assim junto com a gente... Sempre! Sabe é uma amizade assim e a gente... sabe que sempre pode contar com eles. É um incentivo né?

Observação: Ela demonstra que é importante a presença do grupo e o que os voluntários proporcionam. Ela fala que eles tem o cuidado e a atenção de comemorar o aniversário das crianças, de levar bolo. Não só para ela mas para todos os pais, esse deve ser um momento muito importante visto que devido à internação não poderiam comemorar o aniversário de seus filhos. Observa-se também que ela fala em amizade, o que revela o contato frequente com os voluntários, sua confiança, e como ela gosta deles. Isso remete ao que Dejanira falou em sua resposta na pergunta nove, quando diz “nossa mãe”, mostrando realmente que esse carinho que o grupo também tem com os pais é sentido por eles.

2) Você se sente amparada também?

“Sim...sim, sim... Sempre...Sempre junto... Sempre... Procurando... tá junto das crianças assim, sabe?”

Observação: Ela repete três vezes o sim, ela responde que sim, afirma e confirma, o que não deixa dúvidas de que ela realmente se sente amparada. Por mais que sua resposta tenha sido curta e não tenha dado muitas informações claras, percebe-se que ela se sente amparada devido ao fato do grupo estar sempre junto, não só dando atenção aos pais mas junto com as crianças. Isso mostra que ela se sente amparada porque vê que seu filho está sendo amparado. Foi como Dejanira disse em sua resposta na pergunta nove, “a nossa alegria é ver a alegria dos nossos filhos, a nossa felicidade é ver a felicidade é ver a felicidade dos nossos filhos”. Logo se a mãe ver que seu filho está bem e está sendo amparado, ela também vai se sentir amparada.

3) Eles ajudam os pais a enfrentarem tudo o que está acontecendo?



“Sim... Sim... Sempre com alegria né. Eles sempre tão... tão junto né? (E fala tímida)
É isso...

Observação: Ela fala novamente sobre o grupo estar sempre junto, mostrando que o trabalho dele é importante para que ela possa enfrentar o que está acontecendo. E por mais que sua resposta tenha sido muito curta, a palavra chave dela foi a “alegria”. Essa palavra resumiria qualquer resposta independentemente do seu tamanho, pois é justamente a alegria que o grupo leva que se transforma em ajuda. Mais uma vez a resposta da mãe se compara com uma resposta da Dejanira, porém dessa vez na resposta dela para a pergunta oito. Ela diz que a terapia pode ajudar a enfrentar esse caminho de uma forma mais alegre, mostrando que é possível passar por tudo isso sorrindo e não chorando, e aprendendo a lidar com essa situação de uma forma mais leve. Por mais que essa questão tenha se relacionado as crianças, a Dejanira utiliza a palavra a “gente”, dizendo, “é possível a gente... a gente passar por tudo isso”. Logo a alegria que o grupo proporciona, e a convivência em um ambiente mais leve ajuda essa mãe a enfrentar esse desafio de uma forma diferente. De fato, o ambiente torna tudo diferente. Ao final de nossa visita tivemos a impressão de que nem estávamos em um hospital porque o ambiente era totalmente diferente de uma imagem que comumente temos de um hospital. Ali parecia que ninguém estava doente, pois as crianças estavam alegres, brincavam e riam como se não tivessem internadas.

4) Você acha que esse ambiente é importante pra sua filha?

“Sim!... Ela... ela a gente vê né que ela acabou de tomar injeção agora e tá aqui brincando né... Tá alegre ... Tem né eles sempre junto. Se a criança tivesse só que tomar a injeção também e ficar só ai sentada... é ruim.

Observação: A mãe mostra que a brinquedoteca e as atividades do grupo são importantes para sua filha porque proporcionam uma distração do tratamento e da dor através da alegria. Assim, ela afirma o que Dejanira respondeu na pergunta sete, ao dizer que as crianças quando voltam de uma injeção, de um exame, chegam na brinquedoteca chorando e depois já estão brincando e rindo.

Capítulo 3: Resultados

Conclusão



Como mencionado nos fundamentos, a criança hospitalizada sofre uma ruptura na sua vida, ficando afastada da escola, amigos e familiares. O hospital e os funcionários acabam sendo objetos de estranhamento para as crianças, e a internação poderia prejudicar seu desenvolvimento. Por isso o brinquedo e a brinquedoteca são de extrema importância durante a internação. O brinquedo não tem apenas a função de distrair e descontrair a criança, para que ela enfrente o momento da internação de forma menos tensa, ele tem a função de ajudar no seu desenvolvimento, além de ajudar na recuperação do tratamento. Tudo isso nós conseguimos observar. Percebemos o quanto a brinquedoteca tornou o ambiente do hospital mais leve. Vimos como o brinquedo torna as crianças mais felizes e alegres, permitindo que elas se desenvolvam brincando, interagindo entre elas e com os adultos. Observamos também, através do Gabriel, como o brincar pode ajudar na recuperação do tratamento, visto que ele por estar enjoado não estava brincando, mas com o passar do tempo e as conversas, logo estava brincando, confirmando assim o que a Dejanira contou na entrevista. Ela disse que o resultado alcançado com a brincadeira se verifica quando uma criança chega de um exame, de uma injeção e logo está brincando. Contudo vimos que o brinquedo e a brinquedoteca representam uma terapia para criança.

Referências

- Calvetti. P; Machado. L; Gauer. G. **Psicologia da saúde e criança hospitalizada**. Revista de Psicologia da Vetor, v. 9, nº 2, p. 229-234, Jul./Dez. 2008.
- Martins. S; Paduan. V. **A equipe de saúde como mediadora no desenvolvimento psicossocial da criança hospitalizada**. Psicologia em Estudo. Maringá. v. 15, n. 1, p. 45-54, Jan./Mar. 2010.
- Mineiro. C; Ramalho. M. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 29 , 2003/2004
- Kitche. M; Almeida. F. Acta Paul Enferm 2009;22(2):125-30.
- Kailer. P; Mizunuma. S. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26.29, Out. 2009.
- <http://girassoldaalegria.blogspot.com.br/>
- <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=355716>
- <http://pt.aleteia.org/2015/02/27/a-morte-explicada-por-uma-crianca-com-cancer-terminal/>



<http://www.hcancer.com.br/hcanmt-16-anos-uma-historia-de-dedicacao-e-solidariedade/>

<http://www.hcancer.com.br/sobre-nos/>

<http://www.hcancer.com.br/empresa-amiga/>